

b **a** **belas-artes** **ulisboa**

O Museu Militar de Lisboa em colaboração com a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa realiza um conjunto de exposições de artistas portugueses contemporâneos na Sala da Grande Guerra com caráter evocativo dos dramáticos acontecimentos ocorridos entre 1914 e 1018. Estas exposições, individuais e por períodos temporários, decorrerão entre 9 de março de 2016, quando do centenário da declaração de guerra da Alemanha a Portugal, e 11 de novembro de 2018, quando do centenário do armistício.

Para este efeito foram convidados artistas ligados, direta ou indiretamente, à Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, quer como professores quer como alunos, para intervirem, instalarem, exporem ou mostrarem obras que sejam evocativas da guerra de ontem ou de hoje. Salienta-se o facto de estas salas, assim como todo Museu Militar, serem detentoras de um importante património artístico, cujos autores aqui alicerçaram a sua formação, como por exemplo José Malhoa, Columbano Bordalo Pinheiro, Teixeira Lopes, Francisco Franco, Veloso Salgado ou Luciano Freire entre muitos outros.

A oportunidade desta iniciativa, a decorrer durante quase três anos e com a participação de cerca de vinte artistas, procurará demonstrar, através de produções artísticas diferenciadas e concebidas especificamente para as Salas da Grande Guerra, que a arte atualiza os sentidos das coisas e promove sintonias, diálogos e debates, quer sejam sobre ela própria, quer sejam sobre outras causas.

O convite à participação neste projeto, pretendendo motivar a conceção de intervenções artísticas contemporâneas em diálogo franco com o espaço museológico, dominado em grande parte pelas pinturas de Adriano Sousa Lopes, foi feito com base em dois pressupostos: o primeiro privilegiou o conhecimento individualizado da obra artística de cada um dos participantes e o segundo a perceção de que reside em cada um deles e em cada obra o conhecimento capaz de tratar a «evocação» como conceito que hoje, no início do terceiro milénio, pode ser memória concreta reconstituída noutros formatos. Num espaço onde a história, a guerra e a arte estão presentes podem levantar-se muitos pressupostos, questões ou confrontos tais como:

Os antigos e os novos modos de estar e fazer guerra e arte;

As coisas, os seres, as formas e as narrativas;

Os valores territoriais e os valores culturais;

O desenho de linhas, de limites, de fronteiras e de muros na geografia mundial;

O desenvolvimento tecnológico, as mutações e a arquitetura dos conflitos;

A cor dos camuflados contemporâneos.

Ilídio Salteiro, 2015

([i])” Espaço onde se evoca a participação do Exército Português na I Guerra Mundial, em três teatros de operações (Sul de Angola, Norte de Moçambique e França) .

b **a** **belas-artes** **ulisboa**

A decoração das paredes à esquerda, ao fundo e à direita, representam respectivamente “A Destruição de um Obus”, “Evacuação de um ferido de um Posto Avançado”, “Avanço para a 1ª Linha” e “Rendição nas Trincheiras” e são da autoria de Mestre Sousa Lopes, que em 1917, fez questão de ir para o “Front”(frente) na Flandres, onde, em contacto directo com os nossos militares, desenhou vários aspectos da guerra que serviram depois de base aos quadros aqui expostos, assim se explica todo o realismo e autenticidade dos actos de heroísmo e sacrifício do Soldado Português neles representados.

Na parede à esquerda e à direita da entrada, 8 retratos de oficiais generais que se distinguiram nesta Guerra, seguindo-se, à direita o modelo do primeiro busto da República, de Francisco Santos.

Ao centro, dois expositores hexagonais com fotografias de actividades das tropas Portuguesas, respectivamente, em África (Angola e Moçambique) e Europa (França). Entre eles, uma escultura do Capitão Delfim Maya, fundida em bronze, por Augusto de Abreu, reconhecido como o maior fundidor do séc. XX, intitulada “Marcha dum Bateria para a posição”, composição que se poderia considerar mais uma pintura do que uma escultura com o movimento das figuras e dos animais a ser realizado não só com o talento do artista, mas também com o seu perfeito conhecimento do tema. Algumas peças de artilharia, usadas pelas nossas tropas neste conflito, completam o recheio desta sala.

Continuando a percorrer a 1ª sala, passa-se para uma 2ª. No arco divisório vêem-se dois expositores onde se podem apreciar duas peças de grande valor moral, o estandarte do Regimento de Infantaria 4 que, na Batalha de La Lys, só foi capturado após os seus defensores terem sido todos mortos, e uma Cruz retirada de um cemitério alemão, da campa de um soldado português, morto na mesma batalha, com a legenda, em alemão, que significa “Aqui jaz um valente Soldado Português”. Que actos heróicos terá este militar praticado para receber tal homenagem do inimigo?

Nas paredes, atrás à esquerda, à frente e à direita, 3 telas do Mestre Adriano de Sousa Lopes que representam as “Mães e viúvas portuguesas a acompanhar o Soldado Desconhecido, no Mosteiro da Batalha”, “Remuniciamento debaixo de fogo” e “Combate do Caça-Minas Augusto de Castilho com um submarino alemão”. Na parede de topo, à esquerda, um quadro do General Gomes da Costa, executado por Domingos Rebelo e outro de um cabo de artilharia, de nome desconhecido, condecorado com a Cruz de Guerra, da responsabilidade de M. Gregório Pereira (durante alguns anos pensou tratar-se do retrato do Soldado “Milhões”).

Na parede, à direita, 3 quadros, dois do Generais Tamagnini de Abreu e Alves Roçadas, da autoria de Sousa Lopes e Columbano respectivamente, e, entre eles, uma tela de Veloso Salgado em que “A Pátria Coroa o Soldado Português”.

A sala é dominada pela maquete em gesso, em tamanho natural, da estátua de bronze que foi colocada no talhão dos Combatentes no Cemitério do Alto de São João, em Lisboa, da autoria do escultor Maximiano Alves (1933), sendo também deste escultor a maquete do monumento da Avenida da Liberdade, aos Mortos da I Grande Guerra, exposto na 1ª sala.

Ao centro, vários expositores com armamento ligeiro e equipamento usados pelo Exército Português nas duas frentes (África e França) e pelos vários Exércitos

intervenientes neste conflito . Na parede de topo, sobre um estrado, uma colecção de metralhadoras usadas, também, pelos mesmos exércitos beligerantes.

Condecorações e objectos pessoais de Oficiais Superiores do nosso Exército, com intervenção directa ou indirecta neste conflito, completam o acervo.”

Fonte: <http://www.exercito.pt/sites/MusMilLisboa/Visita/Paginas/15.aspx>, em 14/1/2016.